



PRINCÍPIOS DA AUTOEDUCAÇÃO E FENOMENOLOGIA: O EXEMPLO DE AUTODESENVOLVIMENTO DE GOETHE

Jonas Bach Junior¹

Resumo

Este artigo apresenta uma análise fenomenológica da autoeducação. A educação é processo de interação, diálogo e intersubjetividade. A autoeducação é processo de transformação de si mesmo (intra-ação), monólogo e intrasubjetividade. A autoeducação apresenta dois princípios fundamentais: o da recursividade e o da unicidade. Educador e educando são simultaneamente ativos no sujeito que se autoeduca. Cada sujeito pode ter um objeto, um modo e um motivo específicos para sua autoeducação. O estudo analisa como foi o processo de autoeducação de Goethe. A natureza era o tema de sua autoeducação, uma fenomenologia instruidora dos sentidos e da cognição foi o seu modo e o motivo era a busca da essência das coisas. Chega-se à conclusão de que o ponto principal do sentido da autoeducação é a criação de sentido a partir da esfera significativa, que dá significado e coesão ao existir.

Palavras-chave: recursividade; intrasubjetividade; educação fenomenológica

PRINCIPLES OF SELF-EDUCATION AND PHENOMENOLOGY: THE EXAMPLE OF SELF-DEVELOPMENT BY GOETHE

Abstract

This article presents a phenomenological analysis of self-education. Education is the process of interaction, dialogue and inter-subjectivity. The self-education is the process of transforming himself/herself (intra-action), monologue and intra-subjectivity. The self-education presents two fundamental principles: the recursion and uniqueness. Educator and student are both active in the subject who educates himself/herself. Each subject may have an object, specific way and reason for your self-education. The study analyzes the process of self-education of Goethe. Nature was the theme of his self-education, a phenomenology of senses and cognition was his mode and his motive was to search for the essence of things. The main point of the self-education sense is the creation of meaning from the significant sphere, which gives meaning and cohesion to the existence.

Keywords: recursion; intra-subjectivity; phenomenological education.

PRINCIPIOS DE LA AUTOEDUCACIÓN Y FENOMENOLOGÍA: EL EJEMPLO DE AUTODESARROLLO DE GOETHE

Resumen

Este artículo presenta un análisis fenomenológico de la autoeducación. Educación es un proceso de interacción, diálogo e inter-subjetividad. Autoeducación es un proceso de transformación de sí mismo (intra-acción), monólogo e intra-subjetividad. Autoeducación presenta dos principios fundamentales: de la recursividad y de unicidad. Educador y educando son simultáneamente activos en el sujeto que se auto-educar. Cada sujeto puede tener un objeto, un modo y un motivo específicos

¹ Pesquisador do Pós-Doutorado em Educação, do Departamento de Filosofia da Educação da Unicamp, com bolsa PNPd/Capes. Jornalista, mestre e doutor em educação. E-mail: <jonasbachjr@yahoo.com.br>



para su auto-educación. El estudio analiza el proceso de auto-educación de Goethe. La naturaleza era el tema de su auto-educación, fenomenología que instruye los sentidos y la cognición fue su modo y su motivo para la búsqueda de la esencia de las cosas. Se concluye que el principal punto de sentido de la auto-educación es la creación de sentido desde la esfera significativa, que da significado y cohesión al existir.

Palabras-clave: recursividad; intra-subjetividad; educación fenomenológica.

1 Introdução

Educação em si é processo de interação e o desenvolvimento – seja cognitivo, afetivo ou acional – é o resultado obtido por meio dessa processualidade. A educação é o campo da intersubjetividade, do diálogo, da comunicação, do intercâmbio. Como processo, a educação insere-se na dialética do vir-a-ser histórico. Os sujeitos educandos transformam-se ao longo do tempo, em suas idiossincrasias permaneceriam em suas teses (seus pontos de partida), como participantes do diálogo educativo inserem-se na antítese (outros referenciais, outras idiossincrasias) para, em um esforço evolutivo, encontrar algo em comum, em comunicação (o nível sintético). A educação, tanto no campo formal como no informal, perpassa a dialeticidade.

Abordar o fenômeno da autoeducação requer a compreensão deste conceito. O prefixo *auto* acresce um novo caráter ao substantivo educação. Da educação para a autoeducação: eis uma ampliação do processo educativo. Isto significa da intersubjetividade para a intrasubjetividade, da interação para a intrarrelação (intra-ação), do diálogo para o monólogo (ainda que possa ser caracterizado por possuir muitas vozes, o monólogo não inclui outro sujeito corpo-psique). Todavia, a autoeducação mantém o caráter processual e, assim, adquire planos de resultados, ou de desenvolvimento, também no âmbito cognitivo, afetivo ou acional. A comunicação na educação realiza-se entre sujeitos. A comunicação na autoeducação realiza-se entre as diversas esferas da subjetividade. O intercâmbio na autoeducação é propriamente um intracâmbio, uma troca interna dos valores depositados, das questões enfrentadas atualmente nas vivências, dos anseios e receios ao desconhecido do vindouro.

A autoeducação está inserida em uma dialética perpetrada por ela mesma. O ensejo para iniciar o processo dialético da autoeducação reside na criação de um centro

subjetivo que questiona, que move dúvidas, que se reinventa, que transmuta percepções, que revisa valores. Este centro é pura atividade, contrapõe percepções herdadas na sua corrente biográfica (história individual relacionada ao cultural e social) com percepções adquiridas por si mesmo. Nesta tensão dialética, realiza sínteses que performam sua maneira própria de ser. Este centro, possível de ser criado no hoje da subjetividade, intensifica o seu próprio vir-a-ser histórico. Como centro, passa a atuar, desde que a subjetividade trabalhe para isto. Assim, a autoeducação não é um dado cultural disseminado, pelo contrário, é processo de renovação a partir de estímulo próprio. Deste modo, há sempre um condicionante à efetivação da autoeducação. Sem a atividade central não ocorre uma autodeterminação, ato fundamental que caracteriza o sujeito autoeducante.

Pode-se enquadrar a autoeducação como processo educativo não-formal, pois não ocorre em contexto institucionalizado. Na primeira parte deste estudo, é realizada uma análise fenomenológica da autoeducação. Neste ponto, o que se almeja é descrever a essência do processo autoeducativo para revelar sua evidência. Na segunda parte, apresenta-se o exemplo de autoeducação de Goethe, que oferece recursos de compreensão para sua especificidade. Cada autoeducação revela um objeto, um modo e um motivo específicos. Na descrição fenomenológica abarca-se o aspecto genérico de qualquer autoeducação; ou seja, sua recursividade. No exemplo autoeducativo de Goethe apreende-se sua particularidade.

2 Autoeducação: recursividade e unicidade

O prefixo *auto* estabelece uma simultaneidade no processo autoeducativo, diferente do processo educativo, que é sucessivo. A educação é processo de intersubjetividade entre quem ensina e quem aprende. Lembrando que quem ensina também aprende e quem aprende também ensina. Entretanto, do mesmo modo, há uma sucessão na processualidade educativa, pois, quando quem ensina está aprendendo, o faz por suceder a quem está aprendendo e está ensinando, e vice-versa. O fenômeno autoeducativo não possui esta sucessão. Como aponta Steiner, a autoeducação é

essencialmente um processo simultâneo da coexistência do aprendiz e do educador na mesma subjetividade.

Quando se fala de autoeducação, significa, é claro, uma educação que o homem a si mesmo pode aplicar, ou seja, uma educação na qual o homem é, de certo modo, educador e aluno ao mesmo tempo. Com isto, designa-se imediatamente uma grande dificuldade da vida (STEINER, 1962, p.417) ².

O fenômeno de criar um centro da subjetividade – ou o de autoeducar-se – pode ser tanto efêmero quanto disciplinado, pode ser tanto experimentado e abandonado quanto vivenciado e cultivado. O processo de educação é diretamente relacionado à composição de sujeitos inseridos na dialogicidade educativa. As disposições espaço-temporais, as representações mentais de cada sujeito, suas percepções de acordo com gênero, classe social e outros elementos diversificantes compõem a pluralidade de subjetividades.

O processo de autoeducação, por outro lado, é determinado pelo caráter individual. O prefixo *auto* já indica, em si, que o processo educativo é recursivo; em outras palavras, ocorre quando o sujeito incide sobre si mesmo. A autoeducação é a expressão da recursividade. Como fenômeno, ela é compreendida por um pensamento complexo que capta a dinâmica constantemente transformadora da abordagem recursiva. Entretanto, mesmo que todo processo autoeducativo seja recursivo, a questão do quê, do como e de o porquê do objeto, do modo e do motivo da autoeducação, é dependente do centro. A determinação está atrelada ao impulso do centro. Assim, mesmo que toda autoeducação seja recursiva, em termos de objeto, modo e motivo, ela é específica. Cada sujeito pode criar uma autoeducação única. Então, autoeducação possui, como características, a recursividade – como sua universalidade – e a unicidade – como sua particularidade, possível de ser realizada em cada indivíduo.

Assim, para que um processo individual seja reconhecido como autoeducativo, ele deve possuir as duas características mencionadas. Enquanto recursividade, ele forma a

² [Wenn man aber von Selbsterziehung spricht, so meint man selbstverständlich diejenige Erziehung, welche der Mensch sich selbst angedeihen lassen kann, das heißt jene Erziehung, bei welcher der Mensch gewissermaßen Erzieher und Zögling zugleich ist. Damit ist zweifellos sogleich eine große Lebensschwierigkeit bezeichnet] (STEINER, 1962, p. 417, tradução livre do autor).

base universal do fenômeno que descreve o princípio fundamental da autoeducação. Enquanto unicidade, ele estrutura a base particularizante do fenômeno autoeducativo.

Para Steiner (1962, p. 421), o autodesenvolvimento é o contínuo aperfeiçoamento resultante de um processo de autoeducação. Os impulsos fundamentais da dinâmica autoeducativa encontram-se na vida adulta, que já possui parâmetros para se lapidar. Há um momento que o ser humano pode se tornar o seu próprio líder e educador. Este momento é o ponto inicial da autoeducação.

Mas como nossa vida teve que se desenvolver sempre cada vez mais, pois as condições deste desenvolvimento não podem ser retrocedidas através de nenhum poder no mundo, então resulta que o ser humano em toda sua vida terrena tem que sentir-se chamado, sempre novamente, a desenvolver um julgamento imparcial em todas as situações da vida onde ele pode encontrar outro ser humano. Por isso, ele tem que se lapidar em toda sua vida, para vir a ter atitudes no mundo sempre com maior perfeição. Em relação a tal comportamento, os mais importantes impulsos não são dados na infância, mas quando o ser humano deve conquistar seu lugar no mundo, de modo que corresponda à idade em que se encontra. Então, ele tem que começar a se tornar seu próprio líder, seu próprio educador, numa época que não é mais obrigado a se submeter a outros educadores, ou seja, ele tem que tornar-se aquele que sempre aperfeiçoa a si próprio (STEINER, 1962, p.421) ³.

A lógica linear não abrange o fenômeno da autoeducação. O pensamento linear busca a cadência entre causa e efeito. Como processo recursivo, a autoeducação é produto e produtora de si mesma. “Um processo recursivo é um processo em que os produtos e os efeitos são ao mesmo tempo causas e produtores daquilo que os produziu” (MORIN, 1991, pp.89-90). A ideia de recursividade está presente na autoeducação, pois esta é um princípio

³ [Wie aber unser Leben sich immer mehr und mehr entwickelt und entwickeln muß, denn die Bedingungen dieser Entwicklung können nicht zurückgeschraubt werden, durch keine Macht der Welt, so stellt es sich heraus, daß der Mensch sein ganzes Erdendasein hindurch eigentlich immer wieder und wieder sich berufen fühlen muß, in jeder Lage des Lebens, wo er sich einem anderen Menschen gegenüber befinden kann, ein unbefangenes Urteil zu entwickeln. Da muß er sein ganzes Leben an sich arbeiten, um zu einer immer größeren und größeren Vollkommenheit in seiner ganzen Stellung zur Welt zu kommen. In bezug auf ein solches Verhalten werden die wichtigsten Impulse nicht eigentlich während der Kindheit gegeben, sondern wenn der Mensch sich seine eigene Stellung in der Welt erringen soll, so daß er entsprechend seinem Alter auf sich selbst gestellt ist, dann muß er in einer Zeit, in welcher er nicht mehr den Drang haben kann, sich anderen Erziehern zu unterwerfen, damit beginnen, sein eigener Führer, sein eigener Erzieher zu werden, das heißt derjenige zu werden, der ihn selbst immer vollkommener und vollkommener macht] (STEINER, 1962, p. 421, tradução livre do autor).

autoconstitutivo, que realiza sua própria organização. O sujeito autoeducante é produto ativo, ou seja, produtor de si mesmo. Causa e efeito não estão em cadeia linear com o processo da educação, onde há um sujeito educador e outro educando. A autoeducação, com sua ideia recursiva, rompe com a linearidade. “A ideia recursiva é, portanto, uma ideia em ruptura com a ideia linear de causa/efeito, de produto/produtor, de estrutura/superestrutura, uma vez que tudo o que é produzido volta sobre o que produziu num ciclo ele mesmo autoconstitutivo, auto-organizador e autoprodutor” (MORIN, 1991, p. 90).

Em um ponto, o tema da autoeducação tem importância direta, tanto na formação de educadores quanto na atuação prática cotidiana do educar. O ato pedagógico do educador - que reconhece o seu potencial já alcançado por sua autoeducação - almeja a autonomia do educando para que este encontre o seu próprio processo autoeducador. Como formadora da competência profissional do educador, a autoeducação gera uma avaliação dinâmica da distância e da proximidade necessária na relação com os educandos, em cada momento, em cada contexto escolar.

Para a autoeducação do educador, isto significa que ele deve sempre se esforçar novamente por uma postura pedagógica que o faz apto à distância e à delicadeza. Neste caso o tato pedagógico sem o sentimento para a correta medida é impensável. Em todas as tarefas e providências pedagógicas a medida correta é colocada pelo educador (BUCHKA, 1998, p. 22)⁴.

A autoeducação tem dupla valorização no processo educativo. Se, por um lado, é importante na formação do educador, por outro lado, é também fator de suma importância no processo dos educandos. Em ambos os casos, ela significa autodesenvolvimento. Para os educandos, um processo educativo baseado no autodesenvolvimento leva à assunção de suas próprias responsabilidades. Isto é o que Schneider (2008) chama de Pedagogia da Iniciação. A autoeducação é o fundamento de uma subjetividade sempre em movimento, em contínuo processo de aprendizagem e formação.

⁴ [Für die Selbstbildung des Erziehers heisst das, dass er sich immer wieder neu um die pädagogische Haltung bemühen muss, die ihn zur Distanz und zum Taktgefühl fähig macht. Dabei ist der pädagogische Takt ohne das Gefühl für das richtige Mass nicht denkbar. Bei allen pädagogischen Aufgaben und Massnahmen ist das richtige Mass vom Erzieher anzulegen] (BUCHKA, 1998, p. 22, tradução livre do autor).

Os fatos que a vida apresenta ao educando são os estímulos para que este ative seu processo autoeducativo, são o *material* com o qual ele vai trabalhar em si mesmo. A autoeducação depende unicamente da iniciativa; por isso, é a base da iniciação, indicando aquele que aprende a começar seu processo de autoformação [*Selbstbildung*].

A Pedagogia da Iniciação coloca todas as etapas de aprendizagem em grau crescente na autorresponsabilidade do aluno. Ela o encontra como si-mesmo nascente, ela o coloca no decurso da maioridade como personalidade autorresponsável no centro da educação, ou seja, ela lhe responde através de tarefas da autoeducação no campo factual. No cenário da autenticidade da vida global, ela lhe concede a possibilidade de autointegração em plena liberdade positiva (SCHNEIDER, 2008, p. 111)⁵.

A iniciativa para a autoeducação tem origem na própria subjetividade que quer aprimorar-se. Ela recorre à sua própria fonte, que lhe fornece sentido de vida. Antes de conceituar, abstrair ou definir a direção, o motivo, ou sequer a razão de sua autoeducação, o sujeito parte de sua vontade. É o âmbito volitivo que está no cerne estimulador de um processo autoeducativo. O autoconhecimento é apenas uma das faces da moeda. A outra face é o impulso existente para dar continuidade à sua própria formação. Os fatos da vida que vêm ao encontro de cada sujeito são incomparáveis. Cada sujeito tem uma situação existencial específica, está dentro de certo campo factual. É lógico que grupos humanos compartilham muitas questões factuais, mas não todas. Conhecer a si mesmo não basta, os fatos exigem força de vontade para aplicação das potencialidades da subjetividade. O autoconhecimento e a força de vontade para vincular este conhecimento no campo prático da vida estão em relação dialética. É a aplicação prática do processo autoeducativo que estimula e engendra maiores possibilidades de desenvolvimento.

O autodesenvolvimento depende, por um lado, do momento de autoconhecimento, por outro lado, especialmente também, da força de vontade para implementar o conhecido: na política dos pequenos passos. A questão do autodesenvolvimento não pode permanecer programática, ela

⁵ [*Initiationspädagogik legt alle Lernschritte in wachsendem Grade in die Selbstverantwortung des Lernenden. Sie begegnet ihm als dem werdenden Selbst; sie stellt ihn im Verlauf der Mündigkeit als selbst verantwortliche Persönlichkeit in den Mittelpunkt der Erziehung, d.h. sie überantwortet ihm Aufgaben der Selbsterziehung auf sachlichem Felde. Auf dem Schauplatz ganzheitlicher Lebensauthentizität gewährt sie ihm die Möglichkeit zur Selbstintegration in positiv erfüllter Freiheit*] (SCHNEIDER, 2008, p. 111, tradução livre do autor).

permanece em última análise ineficaz, se ela não se depara com a possibilidade de um tratamento metódico com suas próprias insuficiências e poderes (GRIMM, 1998, p. 8)⁶.

A história de um sujeito, as marcas de sua biografia ou os seus registros autobiográficos são a fonte de análise fenomenológica para compreensão de um processo autoeducativo. Ao mesmo tempo em que, pelo viés da unicidade um indivíduo é um exemplo único do seu próprio processo autoeducativo, quando analisada fenomenologicamente, sua processualidade autoeducativa pode se tornar estímulo de comparação e compreensão para os processos de outros sujeitos. A ênfase aqui é não tomar um exemplo como o exemplo, porque toda autoeducação efetiva ou efetivada é um exemplo. O diferencial entre todas as autoeducações está no objeto, no modo e no motivo escolhidos ou optados por cada subjetividade autoeducante.

3 A autoeducação de Goethe

Em seres humanos que deixaram registros autobiográficos e que tiveram, por seus posicionamentos na história e na cultura, algum relevo, a análise fenomenológica da autoeducação encontra material vasto a ser explorado. Biografias são escritas por terceiros, e pela análise de fatores externos pode-se tentar uma aproximação ou interpretação dos fenômenos; embora o acesso ao âmbito interno seja praticamente nulo, ao menos enriquece com perspectivas fora do sujeito mesmo ou com mais detalhes históricos.

Por outro lado, um registro autobiográfico é a única fonte de detalhes da vivência psíquica, dos embates e vitórias internas ante os desafios que a vida apresentou. Quando o autor é rico e amplo nas descrições que faz dos seus próprios processos, ou seja, possui uma leitura afina e afinada entre seu mundo externo e interno, ele deixa transparecer, a partir das suas descrições, a essência do seu processo autoeducativo.

⁶ [In der Selbstentwicklung kommt es einerseits auf das Moment der Selbsterkenntnis an, andererseits aber vor allem auch auf die Willenskraft, das Erkannte auch umzusetzen: in der Politik der kleinen Schritte. Die Frage nach der Selbstentwicklung darf nicht programmatisch bleiben, sie bleibt letztlich wirkungslos, wenn sie nicht auf die Möglichkeit eines methodischen Umgangs mit den eigenen Unzulänglichkeiten und Potenzen stösst] (GRIMM, 1998, p. 8, tradução livre do autor).

Neste sentido aborda-se, neste estudo, uma análise fenomenológica do processo autoeducativo de Johann Wolfgang Goethe (1749-1832). No início de sua autobiografia – *Memórias: poesia e verdade* – Goethe destaca, entre os fenômenos da sua existência, os mais marcantes.

Tudo o que nos acontece de grande, de belo, de marcante, não de ser rememorado da exterioridade, mas ao contrário, que se una, desde o início, à trama de nossa interioridade, se faça único, produza, viva e crie em nós um novo eu melhor, continuando a nos formar (GOETHE, 1986, p. 9).

Nesta passagem, Goethe enfatiza a necessidade de relacionar os fatos marcantes da vida entre si, não a partir de estímulos externos, mas pela *trama de nossa interioridade* - o centro que é resultado da atividade recursiva. Esta trama não é mera junção ou justaposição de memórias, mas um processo ativo de produzir uma nova subjetividade – para que *crie em nós um novo eu melhor*. A interação entre os elementos da trama da experiência existencial é uma intra-ação, uma troca, uma intrarrelação do vivido. Quando esta atividade é criativa, ela adquire seu teor único a partir de seu poder sintetizante. A autoeducação em Goethe direcionou a *um novo eu melhor* e indicou a continuidade do processo de formação [*Bildung*]. Para que a continuidade da formação ocorra, a multiplicidade de fatos deve ser elevada ao patamar da unidade, para que o centro – o elemento sintetizante – torne-se este único.

Pode-se deduzir, por intermédio desta citação, que o objeto, o modo e o motivo da autoeducação em Goethe são elementos inter-relacionados. Como objeto de sua autoeducação, Goethe tomava os acontecimentos marcantes da existência. Como modo de se autoeducar, aplicava um processo criativo, integralizante e formador de unicidade. A motivação de sua autoeducação estava dirigida a *um novo eu melhor*, a um processo de aperfeiçoamento.

Algumas passagens na vida de Goethe exemplificam a aplicação prática da relação objeto, modo e motivo do seu processo autoeducativo. Entre os fatos marcantes de existência, as paixões são um tema recorrente na autobiografia goetheana. Em sua fase juvenil, a paixão por uma moça chamada Margarida termina em grande desilusão. Os sofrimentos causados pelo desenlace frustraram a alma do sábio alemão. O choque da

desilusão não encontrou, em um primeiro momento, forças de resistência em Goethe. O sofrimento, enquanto objeto, foi ensejo para uma atividade com ponto de apoio no próprio sujeito. “Fiz um esforço sobre mim mesmo e comecei por me libertar logo de meus prantos e arrebatamentos, que considerei deste então como infantilidades” (GOETHE, 1986, p. 179). O esforço sobre si mesmo é o trabalho de autotransformação. A autoeducação caracteriza-se, basicamente, por autodeterminação. Como processo intra-acional, isto é, ações e reações de forças internas, a autodeterminação é a expressão do esforço sobre si mesmo. Outro ponto que se evidencia, nas próprias palavras de Goethe, é o caráter recursivo, pois o esforço é aplicado a partir de si, sobre si mesmo. O esforço é o ato propositado que cria outra força interna, que passa a interagir e a transformar o que havia como predisposição. No caso citado, a desilusão de uma paixão. O motivo que o levou a empreender este esforço foi a libertação de uma condição que Goethe considerava indigna. A desilusão amorosa reincidia em suas persuasões como *ideias mórbidas*.

A partir do momento em que Goethe já estava ciente do absurdo de seus anseios, ele empreende a continuidade do esforço de superação. “Facilmente me persuadi de que só a atividade poderia excluir essas ideias mórbidas” (GOETHE, 1986, p. 179). Um *novo eu melhor* está conectado à liberdade; entretanto, o surgimento de novo eu está condicionado à atividade e à continuidade deste processo de autotransformação.

Para Goethe, a esfera afetiva - das emoções e sentimentos – ganhava prioridade nas suas considerações. O objeto, ou a temática de sua autoeducação, abordava o elemento que, para ele, era o mais difícil.

Como o coração sempre nos interessa mais do que o espírito e nos dá ocupação, ao passo que o espírito sabe muito bem tirar-se de dificuldades, as questões de sentimento sempre me haviam parecido as mais importantes. Não me cansava de meditar sobre a vaidade das afeições, a inconstância do homem, a sensibilidade moral e tudo que existe de mais elevado, de profundo, e em cujo encadeamento na nossa natureza podemos enxergar o enigma da vida humana (GOETHE, 1986, p. 225).

As questões afetivas eram mais importantes porque eram também mais desafiadoras. As questões do âmbito mental – do espírito, nas palavras de Goethe – resolver-se-iam mais facilmente ante os desafios existenciais. Por outro lado, as questões

afetivas foram alvo de meditação continuada. Este foi seu modo autoeducativo, ativar – Goethe expressa-se como *sem cansar* – as ponderações a respeito da subjetividade humana. É o processo contínuo de meditação que revela o motivo da autoeducação. Pois Goethe destacava o encadeamento entre os fenômenos da vida emotiva como a fonte de revelação do enigma da existência humana. Os sentimentos tomados em si não revelam o enigma. Foi o trabalho meditativo com a intensidade e frequência destacadas por Goethe que pôde se tornar um processo frutífero; em outras palavras, que passou a revelar aspectos mais absconditos da vida humana.

A liberdade, além de conectada a *um novo eu melhor*, a uma subjetividade aperfeiçoada, autoeducada, está vinculada, também, ao desvelamento do enigma humano. Os sentimentos foram a temática da sua autoeducação; a meditação contínua, incansável, o seu modo. Liberdade, aperfeiçoamento da subjetividade e revelação do enigma da vida compuseram o motivo, aquilo que moveu ou impulsionou Goethe em sua autoeducação.

Embora tenha enfatizado a prioridade aos sentimentos, Goethe teve uma vida toda dedicada à ciência, à observação da natureza, à tentativa de compreensão dos fenômenos naturais. O seu desenvolvimento cognitivo foi pautado em seu modo de relação com o entorno, com o meio ambiente. Para Goethe, a natureza foi fonte de uma objetividade que serviu de parâmetro para a autoeducação de sua subjetividade. “Minha época distanciou-se de mim, pois tinha apenas uma mentalidade subjetiva enquanto eu me encontrava completamente só e em desvantagem, nos meus esforços objetivos” (ECKERMANN, 2004, p. 75).

No campo epistemológico, Goethe desenvolveu, ao longo da vida, uma fenomenologia da natureza que, fundamentalmente, é composta de um contínuo exercício de instrução dos sentidos – no processo observacional – e de instrução dos pensamentos – no processo reflexivo. Seu objetivo foi um aprendizado das leis eternas presentes na natureza. O que Goethe chamou de *esforços objetivos* foi um treinamento da sua subjetividade – um processo autoeducativo relacionado com o meio ambiente – para aprimoramento dos seus instrumentos cognitivos: a percepção e o pensar. A objetividade – ou a lei eterna da natureza – expressou-se na dialética inerente ao fenômeno da natureza. Como apontou Steiner (2002), Goethe foi o cientista hegeliano da natureza, pois onde o

filósofo Hegel encontrou a essência do espírito, Goethe o desenvolveu junto à natureza a partir de seu juízo intuitivo [anschauende Urteilskraft] .

Se Hegel tivesse feito observações sobre a natureza, elas teriam se tornado tão valiosas como as de Goethe; se Goethe quisesse estabelecer uma obra filosófica, a segura cosmovisão da verdadeira realidade que o acompanhou em suas observações da natureza, ele a teria deixado” (STEINER, 2002, p.94)⁷

Se, nas questões existenciais, os sentimentos eram tomados em primeiro plano, na questão epistemológica - sobre a verdade - a referência era a relação com a natureza. Em um diálogo de Goethe com Hegel - em 18 de outubro de 1827 - registrado pelo seu secretário Eckermann, a dialética foi discutida entre a pura filosofia e a fenomenologia goetheana.

“No fundo não é mais”, interveio Hegel, “do que um regulado espírito de contradita inato a todos os homens, metodicamente desenvolvido e cujo dom se manifesta em distinguir o verdadeiro do falso”.

“Se ao menos”, acudiu Goethe, “essas tais artes e habilidades espirituais não fossem constantemente desvirtuadas e mal aplicadas, com o fim de tornar falso o verdadeiro e o verdadeiro falso”.

“Tais coisa acontecem”, replicou Hegel, “mas tão-somente a pessoas moralmente enfermas”.

“Por isso”, retorquiu Goethe, “louvo o estudo da Natureza que não permite essa enfermidade. Porque nele temos tanto que nos ocupar com a infinita e eterna verdade, que é logo repudiado todo aquele que não procede com sinceridade e pureza nas observações e deduções concernentes ao assunto em apreço. Também estou convencido de que muitos enfermos dialéticos conseguiriam uma benéfica recuperação com o estudo da Natureza” (ECKERMANN, 2004, p. 233, grifos do autor).

No âmbito epistemológico como parâmetro da verdade, ou fonte objetiva do real, a natureza foi o objeto ou a temática na autoeducação goetheana. Os fenômenos, em sua aparência, eram o material de trabalho para aprimoramento da observação e reflexão para se chegar à evidência fenomenológica, denominada por Goethe de juízo intuitivo.

⁷ [Hätte Hegel Beobachtungen über die Natur angestellt, so wären sie wohl ebenso wertvoll geworden wie diejenigen Goethes; hätte Goethe ein philosophisches Gedankengebäude aufstellen wollen, so hätte ihn wohl die sichere Anschauung der wahren Wirklichkeit verlassen, die ihn bei seinen Naturbetrachtungen geleitet hat] (STEINER, 2002, p. 94, tradução livre do autor).

Enquanto a temática autoeducativa era a natureza, seu modo autoeducativo foi uma instrução dos seus sentidos (SCHIEREN, 1998), principalmente da audição e da visão, e o desenvolvimento de uma faculdade cognitiva holística, que apreende a essência dos fenômenos. O motivo da sua autoeducação era a busca pela objetividade, seus *esforços objetivos* – como indica a própria expressão – eram um processo de inquietação e procura. A dialética está à mercê de sua utilização *enferma*, a subjetividade que se aprimora no emprego da dinâmica dialética tem, no exemplo goetheano, uma autoeducação conectante com o entorno, que amplia a qualidade de relação do ser humano.

Potencializar a observação e a reflexão ante os fenômenos naturais exige uma postura recursiva da subjetividade, daí sua autoeducação. A correção e o aperfeiçoamento dos sentidos e da cognição acontecem por um processo de incidência sobre si mesmo, de autoquestionamento, autoavaliação. O juízo intuitivo não está pronto, ele não é dado, é desenvolvido, adquirido mediante processo. O objeto da autoeducação em Goethe foi, também, sua relação com o ambiente terreno-cósmico. O modo foi uma postura aperfeiçoadora desta relação, uma disposição de transformar sua própria subjetividade, tendo como guia suas percepções e reflexões a respeito dos fenômenos naturais. O motivo da sua autoeducação foi a busca pela essência dos fenômenos, a verdade acessível somente a um processo cognitivo que revelasse a evidência.

Foi justamente o emprego do princípio da recursividade – como aprimoramento da própria subjetividade a partir de uma intencionalidade transformadora – que permitiu o surgimento, ou a formação contínua de uma personalidade como Goethe. Em outras palavras, foi o processo autoeducativo goetheano que deu origem à sua unicidade, seu caráter único. Ele mesmo reconhece a importância da aquisição de capacidades e habilidades mediante uma processualidade formadora, descartando, assim, noções inatistas. “Não quero investigar a maneira por que chegaram os nossos moços de hoje a imaginar que já trazem de nascença o que até agora só ao cabo de muitos anos de estudo e experiência se podia conseguir” (ECKERMANN, 2004, p. 116).

Além disso, cabe ressaltar que, em Goethe, a intencionalidade da consciência era também acional; ou seja, não era apenas consciência de algo, mas igualmente ação interna formadora deste algo. A intencionalidade de Goethe era dirigida a uma nova formação da centralidade da consciência. Era uma intencionalidade continuamente

evolutiva, pois seu modo de ser era a recursividade transformadora de si, porém, não uma transformação arbitrária. A intencionalidade, como consciência de, era dupla, dirigida tanto internamente quanto externamente. Entretanto, foram os frequentes exercícios ante os fenômenos naturais que serviram de parâmetro para a intencionalidade dirigida internamente.

4 Conclusão

A recursividade e a unicidade são pólos opostos. Todo sujeito que se autoeduca, o faz aplicando um princípio recursivo e, assim, temos uma generalidade. Não há processo autoeducativo que não seja recursivo. Entretanto, por outro lado, o princípio da unicidade é gerador de diversidade. Para fazer jus ao prefixo auto, mantém-se a centralidade da subjetividade como instância (decisora) determinadora do objeto (temática) abordado, do modo como o processo autotransformante vai ocorrendo, da intensidade da aplicação dos esforços sobre si mesmo, da persistência como ser em busca de mais independência. Esta centralidade vai criando um âmbito de características únicas enquanto mantém ativo o processo. Não se ignora ou se descarta, nesta reflexão, a interação com o entorno ou os fatos externos, na sua dinâmica que transcorre no espaço e tempo.

A autoeducação apropria-se de um discurso fenomenológico quando demonstra qual é o seu próprio sentido, qual é sua razão de ser e qual sentido ela quer para si mesma. Como afirma Rezende (1990, p. 17), é o próprio discurso fenomenológico que “nos fazer perceber que há sempre mais sentido além de tudo aquilo que podemos dizer”. A busca de seu próprio sentido e a manifestação de tantos outros que não podem ser expressadas, são a abertura para a compreensão do fenômeno autoeducativo. A problematização do princípio diversificante da autoeducação torna sua abordagem inesgotável. Mesmo em um exemplo particular, como no de Goethe, sob a perspectiva da unicidade, chegamos ao patamar do incomparável. A unicidade não é um fator amparado em algum modo coletivo de ser, em alguma expressão cultural. O fenômeno autoeducativo só é, de fato, fenômeno, quando amparado em si mesmo. Aqui surge a problemática da simultaneidade entre a força educante, que é autodeterminadora, e as características pessoais que já se possui por herança do processo de socialização ou de outros fatores determinantes.

Mesmo que Goethe defina seu *leitmotiv* como *um eu melhor*, partindo do princípio autoeducativo, pergunta-se o que ele entendia por um *eu melhor*. Pois toda determinação do que seja um *eu melhor*, que venha de fora, já é heterônoma. No caso da biografia de Goethe, em sua trajetória existencial, um *eu melhor* foi guiado por uma autoeducação que tinha a natureza por mestre, pelo aspecto cognitivo e epistemológico, e pela independência dos sentimentalismos. A simultaneidade da força autoeducante, o educador e o aprendiz na mesma personalidade, direcionando para um *eu melhor*, instaura um processo de aprimoramento infundável: há sempre patamares superiores ainda não conquistados até hoje. Há, aqui, uma problemática da insatisfação perene. Uma autocrítica torna-se salutar quando aplica limites à noção que qualquer sujeito possa ter do seu próprio *eu melhor*. Aliás, há a parcela herdada que tem sua noção do que significaria um *eu melhor*, e a parcela autoeducante, que pode assumir novos parâmetros do que quer para significar este *eu melhor*.

A fenomenologia vem, justamente nesta questão, apontar para o sentido da autoeducação. O ponto principal do sentido da autoeducação é a criação de sentido a partir da esfera significante, que dá significado e coesão ao existir. Na inter-relação com os fatores externos que, em circunstâncias adversas não corroboram para algum significado, fica em aberto à centralidade verificar ou criar o poder de dar sentido. Estou aqui, antes de tudo, impondo uma neutralidade entre otimismo e pessimismo. Com este posicionamento, abre-se à centralidade da leitora ou do leitor a interpretação ou a tomada de posicionamento. Porém, enfatiza-se que, em uma fenomenologia importa, antes de tudo, o ponto de partida; ou seja, o fenômeno. Neste sentido, quero afirmar justamente como ocorre concretamente, em cada fato existencial, o teor determinante de sentido. As adversidades da vida pós-moderna e as circunstâncias particulares que cada um encontra é questão social e individual, simultaneamente. A problematização dos aspectos externos leva à infundável multiplicidade. A autoeducação de cada um ante as adversidades é uma problematização instauradora de uma solidão, quer se esteja com alguém fisicamente próximo, ou não.

Referências

BUCHKA, Maximilian. Herman Nohl. In: **Selbstenwicklung des Erzieherers in heilpädagogischen Aufgabenfeldern: die Idee der Selbsterziehung bei H. Nohl, P. Moor, J. Mutch, J. Korczak und R. Steiner / Rüdiger Grimm** (Hrsg.). Luzern: Ed.SZH/SPC, 1998. p. 11-28 [*Autodesenvolvimento do educador no campo das tarefas da pedagogia terapêutica: a ideia de autoeducação em H. Nohl, P. Moor, J. Mutch, J. Korczak und R. Steiner*]

ECKERMANN, Johann Peter. **Conversações com Goethe**. Trad. de Marina Leivas Bastian Pinto. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2004.

GOETHE, Johann Wolfgang von, 1749-1832. **Memórias: poesia e verdade**. Trad. De Leonel Vallandro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986.

GRIMM, Rüdiger. Einführung. In: **Selbstenwicklung des Erzieherers in heilpädagogischen Aufgabenfeldern: die Idee der Selbsterziehung bei H. Nohl, P. Moor, J. Mutch, J. Korczak und R. Steiner / Rüdiger Grimm** (Hrsg.). Luzern: Ed.SZH/SPC, 1998. p. 7-10 [*Autodesenvolvimento do educador no campo das tarefas da pedagogia terapêutica: a ideia de autoeducação em H. Nohl, P. Moor, J. Mutch, J. Korczak und R. Steiner*]

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa (Portugal): Instituto Piaget, 1991.

REZENDE, Antonio Muniz de. **Concepção fenomenológica da educação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1990.

SCHIEREN, Jost. **Anschauende Urteilskraft: methodische und philosophische Grundlagen von Goethes naturwissenschaftlichem Erkennen**. Düsseldorf; Bonn: Parerga, 1998.

SCHNEIDER, Peter. Rationalität und Intuition als Grundlage einer modernen Initiationspädagogik. IN: **Rationalität und Intuition in philosophischer und pädagogischer Perspektive / Jost Schieren** (Hrsg.). Frankfurt am Main: Peter Lang, 2008. p. 101-116 [*Racionalidade e intuição como fundamento de uma pedagogia da iniciação moderna. IN: Racionalidade e intuição na perspectiva pedagógica e filosófica.*]

STEINER, Rudolf. Die Selbsterziehung des Menschen im Lichte der Geisteswissenschaft. IN: _____. **Menschengeschichte im Lichte der Geistesforschung: Sechzehn öffentliche Vorträge**. Dornach (Schweiz): Verlag der Rudolf Steiner-Nachlassverwaltung, 1962. [A autoeducação do ser humano à luz da Antroposofia]

_____. **Goethes Weltanschauung**. Dornach (Schweiz): Rudolf Steiner Verlag, 2002. [A cosmovisão de Goethe].

RECEBIDO EM 17 DE JULHO DE 2013.

APROVADO EM 16 DE OUTUBRO DE 2014.